

DESPORTO

**FILIPE MOREIRA
ASSUME VITÓRIA COM
DUPLA FUNÇÃO**

Pág. 10



DESPORTO

**NEEMIAS QUETA
FICA POR BOSTON
MAIS UM ANO**

Pág. 10



CULTURA

**"HERANÇA" INSPIRA
8.ª MOSTRA DE ARTES
PERFORMATIVAS**

Pág. 12

**Somos
informação
segura**
semmais.pt

+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1351
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sexta-feira
3 julho
2026
0,50

semmais

BEBÉS 'ESTRANGEIROS' AUMENTAM NO BARREIRO

Já nascem mais crianças estrangeiras do que portuguesas no concelho barreirense. Autarquia reitera que presença de imigrantes é benéfica.

Pág. 4

AMBIENTE

**OSTRA PORTUGUESA
CONTINUA AMEAÇADA
PELA POLUIÇÃO
DO TEJO E SADO**

Pág. 2



**TRÊS MILHÕES
PARA 'EDIFICAR'
PRIMEIRO HOTEL
NO CONCELHO
DA MOITA**

Pág. 7

**INVESTIMENTO
DE 91 MILHÕES
REQUALIFICA
ESCOLAS
DE SETÚBAL**

Pág. 8

**AGRICULTORES
DE ALCÁCER DO
SAL ALERTAM
PARA PRESSÃO
SOBRE AQUÍFERO**

Pág. 5

**MONTADO
ESTÁ A
MORRER
NA REGIÃO
E JÁ NÃO
É ATRATIVO
EM TERMOS
ECONÓMICOS**

Pág. 6

ENSINO

**NOVO
DIRETOR DA
ESE ESPERA
AUMENTAR
OFERTA
EDUCATIVA**

Além de reforçar a aposta na formação de professores, Pedro Felício ambiciona alargar horizontes noutros cursos e abrir Mestrados nas áreas de Comunicação Social e Desporto.

Pág. 4



**Italianos e franceses
'entram' no Alfeite**

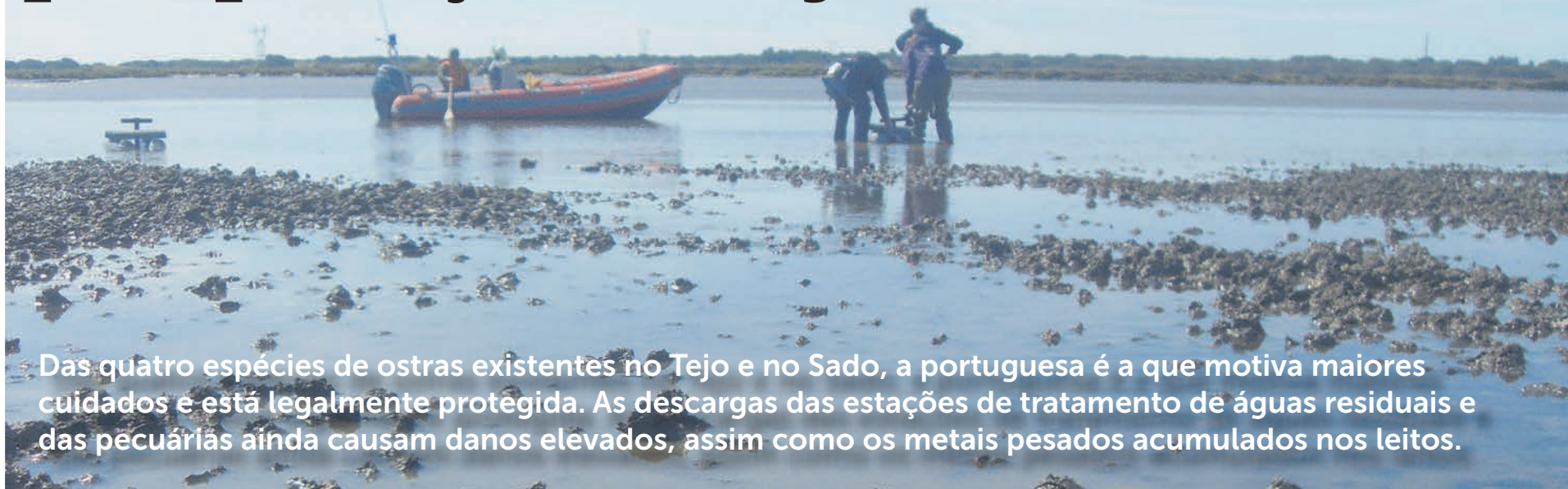
Governo pode ceder posição na administração como contrapartida pela aquisição de três fragatas. Para receber pacote de seis milhões, tutela vai ter que responder até final de julho.

Pág. 3



ESPECIALISTA DIZEM QUE ESPÉCIE ESTÁ EM RECUPERAÇÃO MAS AINDA CAUSA APREENSÃO

Ostra portuguesa continua ameaçada pela poluição no Tejo e Sado



Das quatro espécies de ostras existentes no Tejo e no Sado, a portuguesa é a que motiva maiores cuidados e está legalmente protegida. As descargas das estações de tratamento de águas residuais e das pecuárias ainda causam danos elevados, assim como os metais pesados acumulados nos leitos.

IMAGEM DR

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A **OSTRA PORTUGUESA**, um dos bivalves mais emblemáticos dos estuários do Tejo e do Sado, está em recuperação. A população nos bancos estuarinos está a fugir da quase extinção verificada na década de 1980, quando a poluição a dizimou. Os investigadores têm vindo a monitorizar os habitats nos últimos anos e entendem que, mesmo com indicadores positivos, há ameaças que continuam à espreita e que resultam do levantamento de metais pesados há anos acumulados no fundo dos rios e, também, das descargas das estações de tratamento e de pecuárias.

A professora universitária e investigadora do MARE - Centro de Ciência do Mar e do Ambiente, Paula Chainho, disse ao nosso jornal que atualmente existem duas formas de manter estáveis ou em recuperação as populações das diferentes espécies de ostras. Uma passa por fazer sementeiras do bivalve, o que significa a recolha de exemplares criados em aquacultura e proceder à sua libertação nos estuários. A segunda, que é a que defende, consiste na defesa direta dos habitats. “Os metais pesados ainda estão bem presentes no Tejo e no Sado. São um legado de muitas décadas de poluição industrial e ainda hoje estão acumulados nos leitos. A utilização de ganchorras em alguns tipos de atividades, nomeadamente na da apanha de ameijoas japonesas, contribui para os trazer à superfície. As ostras são extremamente sensíveis, porque os acumulam em quantidade”, explica.

Paula Chainho refere, por outro lado, que existem outras práticas que podem colocar as espécies de ostras (e nos rios em causa existem quatro) em risco: “Temos constatado que continuam a ser efetuadas descargas de águas residuais de estações de tratamento. Por vezes essas águas são lançadas sem estarem devidamente tratadas e os focos de po-

lução que provocam são um problema grave. Outro tem a ver com as pecuárias, que continuam a fazer descargas para o Tejo e para o Sado, sobretudo quando chove com intensidade. É evidente que parte importante destes problemas se resolveria com uma vigilância mais apertada”.

As operações de repovoamento dos bancos identificados (no Sado há, pelo menos, dois onde alguns criadores das espécies estão autorizados a fazer algumas recolhas controladas) é considerada pela especialista do MARE como “uma atividade cara e com elevada taxa de mortalidade”, razões pelas quais também entende que é preferível continuar com as operações de preservação dos habitats.

“Em Portugal existe um problema que, de algum modo, emperra os programas de monitorização das ostras. É que apesar das diversas candidaturas, não existe um financiamento contínuo. Os programas desenvolvem-se, muitas vezes, aos bochechos. Existem há mais de dez anos, mas, a título de exemplo, só

há cerca de dois anos é que o IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) os desenvolve de forma contínua nas zonas estuarinas”, adianta.

QUATRO ESPÉCIES, QUATRO CASOS DIFERENTES

O Tejo e o Sado albergam quatro espécies diferentes de ostras. Se uma, a portuguesa, é protegida e alvo de maiores atenções por parte da comunidade científica, as outras também reúnem características próprias que motivam a monitorização permanente. “A espécie que existe em maior quantidade é a ostra anã. Esta é, no entanto, uma espécie que não é procurada, porque sendo de pequena dimensão, também não possui valor comercial”, diz Paula Chainho.

“A portuguesa, que na verdade é de Taiwan e que terá chegado a Portugal há cerca de 500 anos, transportada como alimento vivo ou mesmo agarrada aos cascos dos navios, é protegida e também criada em aquacultura. O mesmo acontece com a ostra do Pacífico, uma espécie invasora e que em aquacultura

só é permitida com exemplares triploides (três conjuntos completos de cromossomas que impedem a sua reprodução). Por fim temos a ostra plana, também ela criada em viveiro e com valor comercial”, acrescenta.

Paula Chainho explica ainda que no início deste ano as ostras foram também afetadas com o excesso de água doce nos rios, o que terá provocado o aumento da mortandade. Nada, no entanto, que seja considerado grave, uma vez que estes bivalves, ao contrário de por exemplo as ameijoas japonesas, serem mais resistentes às maleitas.

A exploração comercial das espécies não é considerada significativa nos poucos locais onde os exemplares podem ser capturados. Atualmente a maior parte dos exemplares exportados é proveniente da aquacultura. A ostreicultura, para além de ser praticada no Sado e na Lagoa de Albufeira, também tem elevada expressão no Algarve (Ria Formosa e Ria de Alvor) e na Ria de Aveiro. Estima-se que cada uma destas regiões venda para França cerca de 90 por cento do seu efetivo a preços que, por unidade, rondam os 2,5 euros.

Os indicadores das empresas do setor referem, por outro lado, que o mercado nacional continua a ter um peso quase residual nesta atividade, ficando apenas com cerca de 100 toneladas anuais. As produções totais, essas variam, havendo épocas em que não chegam às 1.000 toneladas e outras em que chegam às 3.400. Entre 1962 e 1971, quando ainda não havia reprodução da espécie em cativeiro, o país produzia cerca de 7.500 toneladas por ano.

A investigadora contactada pelo Semmais diz que o aumento das áreas de aquacultura pode ser explicado com o facto de as ostras ali criadas atingirem valor comercial ao fim de cerca de um ano e meio, menos seis meses do que a média estimada para os exemplares desenvolvidos nos estuários dos rios. ■

Ilha do Rato também já foi a Mouchão das Ostras

No Mar da Palha, em frente ao Barreiro, existe uma pequena ilha, metade privada e outro tanto pública, que atesta a importância que a ostra portuguesa já teve para as comunidades piscatórias locais. Apesar de abandonada há muitos anos (estará à venda por cerca de 800 mil euros) o seu solo ainda se encontra pejada de cascas dos bivalves. Uma memória dos tempos em que os mesmos eram ali capturados em grandes quantidades e posteriormente exportados para França. O local chegou mesmo a ser conhecido como Mouchão das Ostras, tantos os viveiros que ali se instalaram. A importância da ostra portuguesa naquele local foi de tal modo relevante que, já na década de 1960, motivou a construção de um centro de depuração na Praia do Rosário. Dali partia depois para Lisboa, mas também Inglaterra e, sobretudo para Paris, onde foi batizada como “La Portugaise”. O Complexo Industrial do Barreiro (antiga CUF e Quimigal), a Lisnave e a Siderurgia Nacional terão sido os três principais poluidores do Tejo e os responsáveis pela libertação de mercúrio, arsénio, zinco, cobre, cádmio, ferro e chumbo que, na década de 1980, quase acabaram com a espécie.

PARA RECEBER PACOTE DE SEIS MIL MILHÕES, GOVERNO TEM DE RESPONDER ATÉ FINAL DO MÊS

Italianos e franceses discutem entrada no Arsenal do Alfeite

Governo português pode ceder lugar na administração como contrapartida pela aquisição de três fragatas. Italianos da Ficantieri já fizeram sondagens no terreno e franceses da Naval Group acenam com contrapartidas que podem abranger várias empresas nacionais.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

DUAS EMPRESAS estrangeiras que se dedicam à construção e venda de navios militares perfilam-se como os principais candidatos à aquisição do Arsenal do Alfeite, a estrutura que atualmente, na Base Naval de Lisboa, ainda procede à reparação de diversas embarcações da Marinha Portuguesa. As empresas concorrentes acenam com um investimento de “dezenas de milhares de milhões” nas instalações nacionais caso o Governo português lhes adquira três fragatas cujos preços oscilam entre os 2 mil e os 3 mil milhões de euros.

As empresas em causa são a italiana Ficantieri e a francesa Naval Group. Ao que o Semmais apurou, a primeira já terá estado, em junho, nas instalações do Arsenal, tendo procedido a diversos levantamentos, nomeadamente de necessidades de equipamentos e até a fazer um estudo de impacto ambiental tendo em conta as atividades de reparação que pretende desenvolver. Já os franceses terão sondado o Estado, via Ministério da Defesa, garantindo que se forem escolhidos podem assegurar a criação de um vasto leque de postos de trabalho e, em simultâneo, requisitar os serviços de outras empresas nacionais que laboram na área da construção naval militar.



IMAGEM DR

Sem qualquer sinal oficial sobre quem poderá vir a tornar-se acionista, e em que condições, os trabalhadores do Arsenal, que esta semana se manifestaram junto do Ministério da Defesa insistem que a empresa se deve manter a 100 por cento na dependência pública. “Já por diversas vezes pedimos esclarecimentos ao ministro Nuno Melo, mas até agora continuamos sem saber o que esperar. Não sabemos o que vai ser do Arsenal e não sabemos que respostas tem o Governo

para nos dar relativamente às reivindicações laborais e profissionais”, diz ao nosso jornal um dos representantes da Comissão de Trabalhadores, António Pereira.

COMISSÃO DEFENDE ADMISSÃO DE MAIS OPERÁRIOS

A Comissão de Trabalhadores, tal como o Semmais já noticiou anteriormente, entende que o Arsenal pode ser revitalizado caso se proceda à admissão de novos operários. Atualmente

há apenas 400 pessoas no quadro, um terço daqueles que existiam em 2009: “É necessária a renovação dos quadros especializados. Só com um novo recrutamento de pessoal será possível transmitir os conhecimentos técnicos que poucos ainda têm e que serão imprescindíveis no futuro. De que vale ter daqui por uns anos os quadros renovados se os novos elementos não receberem a formação e os conhecimentos específicos dos que ainda restam?”.

António Pereira refere, por outro lado, que a tutela também não explica porque motivo o conselho de administração da empresa tem, há cerca de dois anos, menos duas pessoas do que as cinco previstas. Interroga-se ainda sobre os motivos pelos quais ninguém presta esclarecimentos sobre a continuação, ou não da reparação de submarinos naquelas instalações.

A decisão final do Estado português sobre a entrada de um novo parceiro na gestão do Alfeite deverá ser tomada durante este mês. É que até lá, para que Portugal possa receber seis mil milhões de euros relativos ao programa SAFE (reequipamento militar que deverá estar concluído até 2030), precisa de comunicar às instâncias europeias quais serão os parceiros com quem vai trabalhar, nomeadamente nas instalações de reparação naval. ■

7 DIAS

PAULO MARTINS É O NOVO TREINADOR DO GD ALCOCHETENSE

O GD Alcochetense começou a preparar a temporada de 2026/27, onde vai militar no Campeonato de Portugal, anunciando, quarta-feira, Paulo Martins como o novo treinador da equipa. O técnico de 48 anos chega a Alcochete depois de uma passagem triunfante por Setúbal, onde ao serviço do Vitória conseguiu ser campeão da 2.ª e 1.ª distrital, assegurando duas subidas de divisão.

NUNO VALENTE VENCE ELEIÇÕES PARA DISTRITAL DO CHEGA

O vereador da câmara do Montijo, Nuno Valente foi eleito no último domingo pelos militantes do Chega como novo líder da Distrital do Partido,

GRUPO DESPORTIVO INDEPENDENTE VENCE MARCHAS 2026



Pelo segundo ano consecutivo o Grupo Desportivo Independente foi o grande vencedor das Marchas Populares de Setúbal. Além da vitória na classificação geral, esta marcha conquistou os prémios de Coreografia, Cenografia, Figurinos e Letra.

superando Nuno Gabriel com 55,4 por cento dos votos. O deputado e vereador na câmara

de Sesimbra não conseguiu assim renovar o mandato à frente da estrutura que liderava desde 2022.

IGREJA EM SINES LIGADA A VASCO DA GAMA REABRE

A Igreja de Nossa Senhora das Salas, em Sines, monumento ligado ao navegador Vasco da Gama, prepara-se para reabrir ao público, após uma intervenção de 450 mil euros. A obra de restauro, financiada pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), envolveu um investimento global de 450 mil euros, incluindo a empreitada de 200 mil euros, segundo dados fornecidos à agência Lusa pelo Património Cultural – Instituto Público (IP).

GNR IDENTIFICA SUSPEITOS DE MAUS TRATOS A ANIMAIS EM PALMELA

A GNR identificou duas pessoas suspeitas do crime de maus tratos a animais de companhia e apreendeu 54 cães durante uma operação de fiscalização na Quinta do Anjo, no concelho de Palmela, foi anunciando segunda-feira. Segundo um comunicado do Comando Territorial de Setúbal da GNR, a operação foi efetuada para verificar as condições de bem-estar animal numa Área Urbana de Génese Ilegal (AUGI), após uma denúncia através da Linha SOS Ambiente e Território.



A Península de Setúbal está a crescer em população acima dos 13%, já somos quase um milhão. Precisamos de perceber, com ambição, aquilo que precisamos para a próxima década

FREDERICO ROSA,

presidente da CIM Península de Setúbal e da câmara do Barreiro, no Fórum “Península de Setúbal – Uma Visão Estratégica para a Região”.

No concelho do Barreiro já nascem mais crianças estrangeiras do que portuguesas

Autarquia considera que a presença de imigrantes é benéfica para garantir a sustentabilidade dos serviços públicos, mas alerta que só será viável se, por exemplo, houver mais habitação. No distrito há agora 1.115 famílias numerosas, o segundo número mais elevado do país.

A REALIDADE demográfica do distrito de Setúbal está em plena transformação. No ano passado, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística, quase metade dos nascidos (49,3 por cento) eram filhos de mães estrangeiras. Pela primeira vez também um dos concelhos, o do Barreiro, registou um maior número de partos de mães não nacionais (445 num total de 830). Para os responsáveis daquele município, este é apenas um sintoma de atratividade local que, contudo, terá agora de ser acompanhados por respostas sociais adequadas.

Instado pelo Semmais a comentar o facto de o Barreiro ter assistido a mais nascimentos de crianças filhas de estrangeiras do que de nacionais, o vice-presidente do município, Rui Braga diz que “a chegada de população mais jovem, muitas vezes em idade ativa e de constituir família, contribui para dinamizar o território, apoiar a economia local e ajudar e garantir a sustentabilidade de serviços públicos como as escolas e os cuidados de saúde”.

O autarca refere que atualmente o município enfrenta um

desafio: “É preciso garantir que o crescimento populacional é acompanhado por respostas adequadas ao nível da habitação, da educação, da saúde, da mobilidade e da integração social. A prioridade é assegurar a qualidade de vida para todos os que vivem no Barreiro independentemente da nacionalidade”.

Atualmente, ainda de acordo com os dados do INE, o concelho do Barreiro conta com cerca de 89 mil residentes, dos quais cerca de 25 mil (28 por cento) são estrangeiros. Rui Braga explica que “a realidade da população estrangeira do Barreiro é muito diversa”: “Existem pessoas e famílias com diferentes origens, qualificações, profissões e condições económicas, pelo que seria incorreto fazer uma caracterização única das suas condições de vida”.

“Há situações de maior vulnerabilidade, sobretudo relacionadas com o acesso à habitação e com a pressão sobre o custo de vida, mas também encontramos muitos cidadãos plenamente integrados no mercado de trabalho, que contribuem diariamente para o desenvolvimento económico



e social do concelho”, refere o mesmo responsável.

SEGUNDO DISTRITO COM MAIS FAMÍLIAS NUMEROSAS

O Semmais tentou também saber, contactando a Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN), se existem dados que relacionem a existência de agregados familiares estrangeiros com o alegado aumento dos níveis de pobreza no concelho.

Para a APFN essa associação não pode ser feita, uma vez que, se “é verdade que, sobretudo nos concelhos da Península,

há famílias com muitas dificuldades económicas, também é uma realidade que o distrito tem muitas famílias com mais de três filhos (condição essencial) que não têm problemas financeiros. Temos conhecimento de muitas famílias europeias com muitos filhos e cuja realidade social é bem distinta, para melhor, do que aquela que afeta brasileiros ou africanos”.

“O que podemos dizer é que Setúbal é, atualmente, o segundo distrito do país com maior número de famílias numerosas registadas. São 1.115, número que

só é ultrapassado por Lisboa. É normal que destas famílias a maior parte tenha problemas financeiros, caso contrário não recorriam ao apoio da Associação”, referiu uma das responsáveis contactadas.

Não existindo, para já, registo relativo à distribuição geográfica das famílias numerosas, admite-se, contudo, que a maior parte seja proveniente dos concelhos de Almada, Seixal e Barreiro, cidades mais povoadas e próximas de Lisboa. Em 2025 o maior número de nascimentos no distrito ocorreu no Seixal. De um total de 2017 crianças, 1114 foram de mães nacionais e 903 (o maior número no total dos 13 concelhos) de mulheres estrangeiras. No extremo oposto, com o menor número de partos, encontram-se os quatro concelhos do litoral alentejano, que no somatório atingiram apenas 472 crianças nascidas. “O facto de trabalharem muitos estrangeiros na agricultura não significa que existam muitos nascimentos. A maior parte dessas pessoas são asiáticas e não se fazem acompanhar da família”, referiu um responsável da APFN. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A NOVA direção da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, agora liderada pelo professor Pedro Felício, pretende até ao final do mandato aumentar a oferta formativa, manter a qualidade de ensino e estabilizar o quadro de docentes.

Os objetivos traçados da recém empossada direção, da qual fazem também parte Ana Cristina Figueira e Fernando Santos, são dados a conhecer ao Semmais, com o anúncio do reforço, desde logo, da formação de professores. “No próximo ano letivo teremos mais 30 vagas abertas para o curso em Educação Básica. Vamos abrir uma turma em regime pós labor, com um limite de 25 estudantes, a que se junta mais cinco no regime diurno”, revela Pedro Felício, explicando que atualmente frequentam este curso 251 alunos.

Para o responsável esta aposta corresponde a uma necessidade nacional, mas também da região, após anos “de

Novo diretor da Escola Superior de Educação do IPS quer aumentar oferta formativa

desvalorização sistemática da carreira docente”, com menos jovens interessados a enveredar pela profissão. “Temos de inverter essa tendência e há um trabalho que está a ser feito. Estão a ser criados incentivos para que os jovens encontrem novamente na profissão de professor uma carreira e um caminho para a sua vida”, sublinha.

Atualmente com 15 cursos, entre Licenciaturas, Mestrados, Pós-Graduações e Cursos Técnicos Superiores Profissionais e frequentada por mais de mil estudantes, a ESE, na opinião de Pedro Felício, pode explorar novas áreas de crescimento na área formativa: “Gostaria que, no fim destes quatro anos, tenhamos conseguido implementar ofertas

na formação de segundo ciclo. Neste caso, gostávamos de dar continuidade à formação nas áreas de Comunicação Social e Desporto e abrir mestrados nessas áreas formativas, algo que não acontece atualmente na ESE”.

Outro dos desígnios a que se propõem esta direção, além da defesa da identidade da escola e da manutenção da qualidade da oferta formativa, passa pela estabilização do corpo docente. “Atualmente temos 40 docentes de carreira na ESE, aos quais se juntam outros contratados. Temos qualidade formativa, mas gostávamos de reforçar esse corpo docente, porque temos até um rácio abaixo do que seria desejável neste momento”, explica.

Apesar desta ambição, o diretor da ESE alerta para a tendência nacional de “subfinanciamento” do ensino superior politécnico público, em contraste com o aumento de responsabilidades que lhe são atribuídas. “Temos de ajustar e encontrar soluções para manter a qualidade da nossa formação e isso não foi um problema, até agora, mas naturalmente que condiciona. Não podemos promover ideias e projetos da maneira que gostaríamos. A forma de cálculo de financiamento do politécnico mantém-se inalterada, beneficia o universitário e isso acaba por limitar a nossa ação”, salienta. ■

TEXTO DAVID MARCOS



Agricultores de Alcácer alertam para pressão crescente sobre aquífero

Na Comporta, por exemplo, existem já centenas de abacates plantados, uma cultura subtropical e que para produzir no nosso país necessita de muita água, além de diversos tratamentos químicos.

A **SECA**, o calor extremo, a irregularidade da precipitação e o aumento dos custos de produção estão entre os principais desafios enfrentados pelos agricultores de Alcácer do Sal. O alerta surge no ano em que a associação representativa do setor no concelho assinala 50 anos de atividade.

Uma das maiores preocupações da organização, que reúne cerca de 300 associados, prende-se com a gestão dos recursos hídricos, nomeadamente com a pressão crescente sobre o aquífero junto ao rio Sado e à costa atlântica.

“Este aquífero localiza-se na margem esquerda do Sado e, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não tem ligação ao grande sistema Tejo-Sado. Atualmente, não está a ser prote-

gido como deveria e encontra-se sobreexplorado, pelo facto de ser nesta zona que as câmaras de Grândola e Alcácer têm os seus furos para abastecimento público”, afirma ao Semmais Francisco Vacas, presidente da Associação de Agricultores de Alcácer do Sal.

O dirigente alerta também para a expansão de culturas como o abacate, que considera desadequadas às características do território devido às elevadas necessidades hídricas e ao impacto na paisagem. “Estamos a falar de uma substituição total das outras plantações. Estão a desaparecer pinheiros e sobreiros, por exemplo. São dezenas de milhares de hectares abatidos. Na Comporta existem já centenas de abacates plantados. É uma



cultura subtropical, instalada em areia inerte, que para produzir no nosso país necessita de muita água e de tratamentos químicos muito intensivos”, sublinha.

A redução da disponibilidade de água, associada à irregularidade da chuva e ao aumento da pressão sobre o aquífero,

ajuda a explicar o declínio acentuado da produção de pinhão, apesar de este continuar a ser um produto valorizado na gastronomia local.

“A formação da pinha demora cerca de quatro anos e, em situações de seca e calor extremo, a produção pode fi-

car completamente comprometida. Foi isso que aconteceu aqui. As cinco fábricas que existiam em Alcácer estão praticamente inoperacionais. O pinhão acaba por chegar de outras regiões do país ou através de importações”, explica Francisco Vacas.

Apesar das dificuldades, a agricultura continua a ter um peso significativo na economia do concelho e do país. O arroz mantém-se como a principal cultura agrícola da região. Segundo o presidente da associação, o concelho representa entre 20 e 25% da produção nacional deste cereal. “Temos um carolino de excelência, adaptado às condições do território. O agulha, sobretudo importado, tem ganho espaço no mercado, mas o carolino continua a manter a sua importância”, destaca.

Relativamente aos prejuízos provocados pelas tempestades registadas no início do ano, Francisco Vacas estima que tenham sido atribuídos cerca de 850 mil euros em apoios, valor ao qual acrescem as perdas diretamente suportadas pelos agricultores. ■

TEXTO DAVID MARCOS

PUBLICIDADE

É UM AMOR QUE NÃO SE EXPLICA

Marchas Populares de Almada 1994-2025

Exposição 24 JUN – 2 AGO 2026
MUSEU DE ALMADA – CASA DA CIDADE E OUTROS LUGARES

MUSEU DE ALMADA

CMA - CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

design: @ atelier-de-vera - ilustração: @ Angéla Costa

No Litoral o Montado está a morrer e já não é atrativo financeiramente

Engenheiros e agricultores apontam causas para o declínio dos sobreiros. Uma delas pode ter a ver com o gado, que come as sementes e danifica as árvores. Mas também existem razões sanitárias e climáticas. Grândola e Santiago são os concelhos mais afetados no distrito.



IMAGEM: ANTONIO TAVARES

A **SOBREVIVÊNCIA** do montado no Litoral Alentejano, sobretudo nos concelhos de Grândola e Santiago do Cacém, pode estar em causa. Há zonas já identificadas pelas associações de agricultores e também pelos engenheiros florestais especializados, onde a redução do número de sobreiros e azinheiras é, nos últimos 20 anos, superior a 20 por cento. As razões para este declínio são várias, sendo que o pastoreio pode ser uma das mais sérias. Existem ainda razões climáticas, outras associadas ao desinvestimento devido á quebra dos preços da cortiça e, por fim, outras relacionadas com práticas de gestão dos solos.

O antigo ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, Capoulas Santos, entende que a atual forma de pastoreio, com rebanhos e marnadas a comerem todas as sementes, “é o que mais me preocupa”. “Não há renovação da floresta, apenas bovinos e ovinos a pastar”, diz ao Semmais o antigo governante, lembrando que os terrenos em causa “há muito que deixaram de servir para fazer sementeiras”.

“Estão identificados diversos inimigos, nomeadamente o stress hídrico, a mobilização dos solos e os problemas sanitários,

mas a mim o que mais me preocupa é o pastoreio”, salienta.

Esta razão é também avançada pelo engenheiro florestal Domingos Patacho, especialista em gestão de montado: “A taxa de novas árvores é muito baixa. Restam as mais antigas, porque as novas quase não singram pelo processo natural (germinação das sementes caídas) uma vez que os animais acabam por ingerir as bolotas. Por outro lado, havendo menos árvores há, também, menos produção de cortiça e isso pode desmotivar os proprietários, que não deixam de

fazer plantações ao ritmo desejado, até porque os custos também são elevados”.

O presidente da Associação de Agricultores de Grândola (região tradicionalmente rica em montado), Luís Silva, não concorda que sejam os animais os principais causadores do declínio do montado, embora reconheça que “têm um peso na regeneração natural, porque comem as sementes, no caso dos ovinos, e pisam e partem as árvores jovens, no caso dos bovinos”. “Para mim, o principal problema reside nas alterações climáticas e na

redução da pluviosidade desde o início da década de 2000. Os níveis freáticos estão muito mais baixos e o desenvolvimento das árvores, que já de si é demorado (a primeira tirada de boa cortiça só costuma acontecer ao fim de 40 anos) alteram-se ainda mais, provocando quebras de produção”, afirma ao Semmais.

MECANIZAÇÃO TAMBÉM MATA AS ÁRVORES

Domingos Patacho, sustentado por levantamentos efetuados pelo ICNF, refere ainda que o declínio pode demorar a ser assimilado na verdadeira dimensão: “Já se fala há cerca de 50 anos que os sobreiros estão a desaparecer, mas só nos últimos 20 é que a realidade se tornou mais evidente e preocupante. Sabia-se, por exemplo, que em algumas zonas um hectare de terreno poderia albergar 100 árvores e que com o passar do tempo secaram e foram abatidas. Em algumas zonas essa quebra foi de 20 por cento, mas noutras é até muito superior”.

O engenheiro florestal diz que a mecanização dos campos, com o recurso a grades que revoltam a terra e impedem a germinação de novas árvores, mas sobretudo com os danos causados nas raízes de superfície, acabam por ser

determinantes. “As raízes pastadeiras são muitas vezes afetadas. Começam a surgir fundos e, em consequência, passados anos, os sobreiros morrem”. Existe uma morte lenta do montado e até fatores relacionados com a poluição causada pelas grandes unidades industriais, de Sines, por exemplo, podem ser responsáveis”, acrescenta.

A resposta aos problemas que especialistas e agricultores vão detetando até existem, mas, conforme diz Capoulas Santos referindo-se ao tratamento dos fungos, “acabam por ser muito caras”. É precisamente o aspeto económico que Luís Dias também salienta: “Estamos a entrar no campo da impossibilidade e o dinheiro não chega para tudo. O preço da cortiça é o mesmo daquele que era praticado há 20 anos. Isso é desmotivador para quem produz. Se há soluções? Sim. São morosas, mas existem. Em Grândola tentamos mexer o mínimo nos solos e também já reduzimos a altura do descortiçamento. Estamos a optar por árvores mais baixas e com uma copa mais larga, de modo a aumentarmos as zonas de sombra e assim debelar problemas causados pela seca”. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

Dez arrobas pagam a diária de um homem a trabalhar

A disparidade entre custos de produção e os valores pagos a quem tira cortiça tem vindo a acentuar-se. É, diz o presidente da Associação de Agricultores de Grândola, uma razão de peso para que muitos deixem de explorar os montados. “Hoje pagam-se por dia a um tirador de cortiça 180 euros, mais o valor do seguro obrigatório. No entanto, uma arroba depois de tirada ronda os 30 euros, o mesmo preço que se pagava no início do século”. Em Grândola essa disparidade já se faz notar, com o abandono de áreas de produção, sobretudo nas zonas Sul e Leste da Serra, onde o sol incide mais. “Não há modo de regar uma área que chega a ter 30 por cento de inclinação e que é constituída por terrenos de xisto. É tudo demasiado caro”, sintetiza Luís Dias.

**MOTORPOR REFORÇA
O SEU PORTEFÓLIO
NO DISTRITO DE SETÚBAL**



MOTORPOR®
Saiba mais em motorpor.pt

EMPREENDIMENTO TURÍSTICO ESTÁ PROJETADO PARA TER 50 QUARTOS

Três milhões de euros ‘edificam’ primeiro hotel do concelho da Moita

Unidade terá 50 quartos e corresponde a um investimento na ordem dos três milhões de euros. Integra-se num projeto mais alargado do município, que está também a apostar no parque habitacional.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A **CONSTRUÇÃO** de um hotel na Moita, o primeiro do concelho, poderá iniciar-se em breve. Trata-se de uma unidade promovida por um particular e que terá 50 quartos. As autorizações camarárias já existem desde o ano passado.

Segundo o que o Semmais apurou, o empreendimento turístico terá um investimento privado na ordem dos três milhões de euros. Será o primeiro equipamento do género no

concelho e é aguardado com expectativa, uma vez que não só acarreta a criação de postos de trabalho como servirá para atrair ao concelho novos investidores. Ao que o nosso jornal apurou, as obras poderão começar ainda antes do final do ano, ultrapassadas que estão algumas dificuldades iniciais e que tinham a ver com a localização do empreendimento num espaço fronteiriço pertencente à Infraestruturas de Portugal.



IMAGEM DR

Ao nosso jornal o presidente do município declarou que existe, de facto, um projeto que já mereceu a concordância do executivo e salientou a importância económica e social do mesmo. “É mais um passo para

promover o concelho, que até agora é o único na península de Setúbal sem um equipamento do género. A Moita, onde também estão a ser desenvolvidos esforços para libertar terrenos destinados à construção de vá-

rios empreendimentos habitacionais, só terá a ganhar com a instalação de novos negócios”, disse Carlos Albino.

“Temos diversos projetos em marcha e que se traduzem na construção de centenas de fogos, nomeadamente na zona da Quinta da Fonte da Prata, em Alhos Vedros. A chegada de novos residentes é fundamental e está a ser encarada com muito seriedade pelas diversas entidades, sejam elas privadas ou do Estado. A prova disso é a vontade já anunciada de se construir um porto fluvial que possa servir a população, levando-a de barco diretamente a Lisboa, num trajeto de apenas 20 minutos e evitando as atuais demoradas deslocações por estrada, que exigem a passagem por outros concelhos”, salientou ainda o autarca. ■

PUBLICIDADE

PORTO DE SINES PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA



Oferecendo elevados índices de conectividade com ligações diretas regulares aos principais mercados internacionais, Sines é um porto de águas profundas, apto a movimentar quaisquer tipos de navios e cargas.

Dando prioridade ao processo de transição energética, de forma sustentável e com uma forte vertente de inovação e digitalização, o Porto de Sines promove o incremento da competitividade dos importadores e exportadores com soluções logísticas ágeis e eficientes, ao serviço da economia e do hinterland.



ESTRATÉGIA LOCAL DE HABITAÇÃO PROMETE MUDAR A VIDA DE CERCA DE 1500 FAMÍLIAS

1º Direito em Setúbal acelera para cumprir prazos do PRR

Desde o arranque do programa de reabilitação da habitação pública municipal, em 2023, já foram devolvidas cerca de 500 casas aos moradores com renovadas condições de dignidade e conforto.

TEXTO DAVID MARCOS

O RITMO das empreitadas da Estratégia Local de Habitação (ELH) em Setúbal, no âmbito do 1º Direito - Programa de Apoio ao Acesso à Habitação, está a acelerar para ficarem concluídas a tempo do prazo de 31 de agosto estabelecido pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR), que financia estas obras.

Ao Semmais, Maria do Carmo Tiago, vice presidente da câmara sadina, dramatiza a questão e destaca o impacto social deste investimento estimado em mais de 143 milhões de euros. “Estamos a melhorar as condições de vida de 1.472 famílias, trata-se de uma oportunidade única. O município de Setúbal está a desenvolver um vasto programa em sete dos treze bairros municipais, nomeadamente Bairro Afonso Costa, Alameda das Palmeiras, Bela Vista, Forte da Bela Vista, Manteigadas, Quinta do Freixo e Quinta de Santo António, tendo, até ao momento, sido realojados mais de 500 agregados”, sublinha a autarca.

Estes dados estiveram em análise no último sábado, no âmbito da iniciativa “Setúbal Habitação – Reabilitar para viver melhor em Setúbal – Pelo sonho é que vamos”, realizada no auditório da



Escola Superior de Educação do Politécnico de Setúbal.

Para Maria do Carmo Tiago mais do que “mostrar obra feita”, fazer o balanço da implementação da ELH é salientar “uma visão” de uma cidade “mais justa, mais inclusiva, mais sustentável e mais digna para todos”.

REQUALIFICAÇÃO CONTINUA NOS RESTANTES BAIRROS

Recorde-se que o processo de reabilitação das habitações públicas municipais teve início em 2023 nas Manteigadas, tendo as casas começado a ser entregues aos moradores em fevereiro de 2024 e as últimas em novembro de

2025, totalizando 113 frações intervencionadas.

As obras decorrem nos restantes bairros com o objetivo de melhorar a eficiência energética dos edifícios e a requalificar o interior das frações, incluindo a mudança das coberturas, fachadas, janelas e estendais, a renovação das cozinhas, casas de banho e demais divisões das casas e zonas comuns dos prédios.

Está contemplada ainda a modernização das infraestruturas de comunicação, energia, eletricidade e gás e dos sistemas de abastecimento, saneamento e drenagem de água.

Na referida cerimónia, Maria do Carmo Tiago destacou também a complexidade da implementação desta iniciativa, recordando que, durante as obras, mais de 300 famílias chegaram a estar, em simultâneo, deslocadas temporariamente das suas casas.

“Sabemos bem os transtornos que esta situação provoca às famílias e do enorme esforço exigido aos trabalhadores municipais que, diariamente, acompanham cada fase deste processo para garantir que as obras decorrem com a maior celeridade possível e que cada família regresse à sua casa em segurança e com melhores condições”, salientou a autarca. ■

Investimento de 91 milhões vai requalificar as escolas do concelho até 2028



A CÂMARA de Setúbal está a lançar concursos públicos e a preparar projetos para reforçar e modernizar a rede educativa do concelho, num investimento global de 91 milhões de euros, financiado por fundos europeus.

Questionada pelo Semmais, Maria do Carmo Tiago, vice presidente do município, avançou que está previsto “que as obras tenham a duração de dois anos” e que o “funcionamento das escolas está assegurado” durante as intervenções.

A autarca sublinhou a importância do impacto esperado na comunidade escolar e afirmou que o executivo cumpre “uma promessa eleitoral” do Movimento Setúbal de Volta. “Este é um projeto estrutural para o futuro de Setúbal. Sem educação não há futuro e esperamos dar dignidade e melhores condições para que as nossas crianças aprendam mais, os professores ensinem ainda melhor e toda a comunidade

escolar tenha condições mais dignas”, declarou.

Este “recado político” surge após PS e CDU terem reivindicado responsabilidades na concretização do plano, durante a reunião de câmara que aprovou as intervenções. Fernando José, vereador socialista, defendeu que a requalificação do parque escolar foi arquitetada e impulsionada pelo Governo do PS. Já Nuno Costa, da CDU, destacou o diagnóstico e o trabalho desenvolvido pelo anterior executivo, liderado por André Martins.

“A necessidade de requalificação das escolas está identificada há muito, mas ninguém tratou de avançar com elas. Nós estamos a fazê-lo”, respondeu Maria do Carmo Tiago.

Entre as empreitadas previstas, a ampliação da Escola Básica de Azeitão absorve a maior verba, superior a 19 milhões de euros. O projeto inclui 43 espaços educativos, nomeadamente 25 salas para

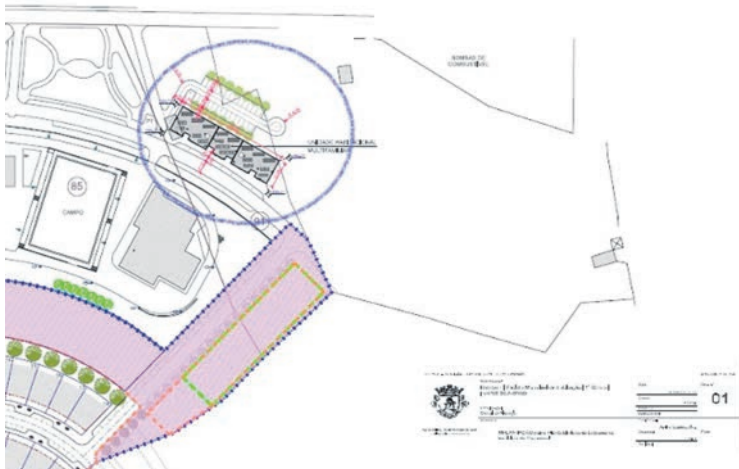
o ensino básico, oito para o secundário, duas salas de informática, auditório, biblioteca, áreas de apoio ao ensino e uma unidade de multideficiência.

A requalificação e ampliação da Escola Básica da Aranguez é segunda mais pesada neste programa, representando um investimento superior de 18 milhões. Além da reabilitação geral do edificado existente, que tem mais de quarenta anos, acresce a construção de um novo edifício com salas de aula na zona contígua ao campo de jogos, o que permite ampliar a oferta escolar, passando dos atuais 700 alunos para cerca de um milhar.

Também com concurso público aprovado, a construção da Escola Básica da Quinta da Amizade representa um investimento em cerca de 6,5 milhões de euros e está destinada a responder às necessidades educativas de 325 crianças. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Executivo quer mudar paradigma da habitação no concelho de Santiago do Cacém



ficarem obrigados a construir dois terços das casas a custos controlados, reservando uma parte para venda ou arrendamento e parte para o município. O restante terço poderá ser vendido em regime de mercado.

Na conversa com o nosso jornal, o edil revelou ainda que em curso está também o desbloqueio de lotes parados há décadas e admitiu voltar a construir habitação municipal, algo que, segundo o autarca, “não era feito desde 1991”. Em Santo André há terrenos municipais com capacidade para cerca de 3.500 fogos e em Santiago do Cacém estima-se espaço para 400 a 600 habitações em terrenos públicos.

Com um parque público reduzido a cerca de 20 a 30 casas, praticamente todas ocupadas, a câmara assume que terá de intervir de forma mais ativa. O objetivo, garantiu Bruno Gonçalves Pereira, não é transformar o município numa construtora, mas criar condições para que mais pessoas possam comprar ou arrendar casa em Santiago do Cacém a preços compatíveis com os seus rendimentos. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Visão estratégica pretende colocar no mercado centenas de casas a custo controlado e evitar a especulação. Apesar de não ser considerada suficiente, no âmbito da Estratégia Local de Habitação estão em construção 48 novos fogos.

A **CÂMARA** de Santiago do Cacém quer mudar o paradigma da habitação no concelho e fazer frente à pressão imobiliária vivida no território, em especial devido à prevista chegada de novos trabalhadores e ao impacto dos investimentos industriais ligados a Sines. O presidente da autarquia, Bruno Gonçalves Pereira, defende uma resposta mais ambiciosa, que combine investimento público, inter-

venção do Estado e parceria com privados.

“O que foi traçado anteriormente já não faz qualquer sentido, porque não está dimensionado com o número de pessoas que se está a deslocar para Santiago do Cacém. Portanto, a estratégia de habitação vai ter de mudar completamente”, disse o autarca ao Semmais, avançando que o objetivo passa por colocar no mercado “muitas centenas de casas a custo con-

trolado”, tanto para situações de emergência social como para famílias que trabalham e vivem no município.

Os primeiros passos já estão a ser dados com a Estratégia Local de Habitação, financiada através do programa 1.º Direito, com 48 fogos públicos, 24 em Vila Nova de Santo André e outros tantos no Cercal do Alentejo. Em Santo André as habitações já se encontram em construção

e a empreitada no Cercal foi recentemente adjudicada por cerca de 3,7 milhões, num investimento estimado em 7,2 milhões destinado a arrendamento abaixo dos valores de mercado.

Bruno Gonçalves Pereira reconheceu, porém, que estas obras estão longe de resolver o problema. Por isso, a câmara quer lançar novos mecanismos, incluindo hastas públicas em que os promotores

Obras no Parque Urbano de Corroios concluídas até final do ano

Investimento de 1,2 milhões vai permitir travar as inundações provocadas pelo transbordo das valas de água provenientes de Almada.



AS OBRAS em curso no Parque Urbano de Corroios, no concelho do Seixal, deverão estar concluídas até final do ano. Trata-se de uma intervenção de grande dimensão que visa, sobretudo, criar condições para reter a água das chuvas e que corre em diversas valas, para impedir as já cíclicas inundações de áreas habitacionais.

Em declarações ao Semmais, o presidente do município, Paulo Silva, disse que os trabalhos não se limitam apenas a uma bacia de retenção, mas antes uma remodelação de uma área que

posteriormente terá todas as condições para funcionar como zona de lazer. “As inundações em Corroios são um problema crónico que agora pretendemos solucionar. Na entrada do concelho temos anualmente, sempre que há grande precipitação, as inundações causadas pelas águas que transbordam das diversas valas que ali passam”, acrescentou.

“O problema está identificado desde 2012, altura em que foi feito um levantamento de todas as valas que passam por Corroios e cuja água é proveniente do Laranjeiro, no concelho de Almada. De-

pois das causas terem sido identificadas, a câmara do Seixal deu conhecimento das mesmas à de Almada, para que ali também fossem tomadas medidas. Até hoje, no entanto, nada foi feito. Não se construíram bacias de retenção no concelho vizinho e somos nós que, sempre que chove com mais intensidade, sofreremos as consequências”, disse ainda Paulo Silva.

A vereadora municipal, Maria João Costa, referiu, por sua vez, que esta é a segunda bacia de retenção que irá equipar o Parque Urbano de Corroios, salientando que o Parque Urbano irá ganhar uma nova dimensão social, uma vez que será igualmente dotado de diversos outros equipamentos e mobiliário.

As obras em causa têm um custo estimado de 1.2 milhões de euros. A parte mais visível será um espelho de água distribuído por uma área de 1,69 hectares e constituído por dois lagos interligados e com recirculação e tratamento. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

Requalificação do Parque Venâncio Ribeiro da Costa

A **CÂMARA** de Palmela iniciou a limpeza e recuperação do Parque Venâncio Ribeiro da Costa, junto ao castelo, depois das tempestades de janeiro e fevereiro terem provocado, de acordo com o município, a queda de “mais de 250 árvores”. A intervenção, adjudicada em mais de 60 mil euros, começou no final de junho e, segundo a autarquia, “deverá durar quatro meses”. Após a remoção do arvoredo danificado, a autarquia assegura que será feita uma nova avaliação dos estragos, estando previsto também a concretização de um plano de replantação com espécies autóctones. Por razões de segurança, enquanto decorre a intervenção, o parque está interdito. ■

NOVO TREINADOR VAI ASSUMIR TAMBÉM FUNÇÕES DE DIRETOR DESPORTIVO

Filipe Moreira quer jogadores preparados para a pressão de jogar no Vitória



Técnico de 62 anos regressa ao Bonfim, depois da curta passagem no final da época de 2021/22, onde orientou o clube, na altura ainda na Liga 3, em apenas oito partidas.

TEXTO DAVID MARCOS

JOGADORES que saibam conviver com a pressão e que queiram ganhar. É esta a fasquia colocada por Filipe Moreira para a construção do plantel e desempenho em campo do Vitória FC na temporada 2026/27, que marca o regresso do emblema sadino aos escalões nacionais, através do Campeonato de Portugal.

O novo treinador – que assume também a direção desportiva do clube –, na sua apresentação, não deixou nada por dizer sobre qual é a sua visão para a preparação da época dos vitorianos. “Quem está nesta casa tem que sentir pressão, quem não tiver pressão não pode passar por esta vida. Quem não estiver habituado a ganhar não pode passar por esta casa. Quero um jogador que me vitalize, um jogador à vitória que tenha atitude e que as pessoas se possam identificar”, disse Filipe Moreira aos jornalistas.

Ao Semmais, o técnico de 62 anos confirmou que já abordou mais de uma dezena de atletas e confirmou que alguns deles demonstraram interesse em representar os sadinos na próxima época. “O grupo tem de ter aquela chama e devolver o entusiasmo aos adeptos. Agora, todos sabemos qual é a situação do Vitória e não podemos fazer grandes loucuras com o orçamento, mas temos de criar condições para sair deste pátio. Para quem quer vir para o Vitória a parte financeira não nem nunca será a parte mais importante”, explicou.

Depois de ter representado o Atlético da Malveira e o Samora Correia na temporada passada, o técnico demonstrou “orgulho” em regressar ao Bonfim, depois da curta passagem no final da época 2021/22, onde orientou a equipa em apenas oito jogos na Liga 3. “Quando o Vitória FC chama é difícil dizer que não, ainda mais depois do que se passou da última vez. Saí daqui triste, abatido, por não ter conseguido cumprir os objetivos, mas a vida tem

destas coisas e surgiu esta oportunidade”, salientou.

PRESIDENTE DO CLUBE DESVALORIZA DEFESO COMPLICADO

Na apresentação, Filipe Moreira confessou ainda que a “preparação está bastante atrasada” e lamenta “não ter tempo para escolher melhor os jogadores”. O experiente treinador, no entanto, “chuta para canto” quaisquer desculpas e reitera com confiança que “é pago para arranjar soluções” e elas “vão ter de aparecer”.

A afetar o defeso sadino estiveram as saídas atribuladas de Carlos André e Paulo Martins, respetivamente diretor desportivo e treinador, quando já se esperava que estivessem a montar o regresso ao Campeonato de Portugal. Em resposta ao Semmais, o presidente da direção, Francisco Alves Rito lamenta o acontecido, mas desdramatiza “o divórcio”. “É público que gostaríamos de ter continuado com o diretor desportivo e com o treinador. Por uma questão negocial, acredito que não se sentiu valorizado, o Carlos André comunicou-nos que pretendia sair. Depois de ter conhecimento desta situação, o treinador também entendeu que não tinha condições para continuar. Ninguém ficou aborrecido e estamos agradecidos pelo trabalho que fizeram no clube”, disse. ■

Boston Celtics seguram Neemias Queta por mais um ano

O poste do Vale da Amoreira terminou a temporada com 76 jogos disputados, onde averbou um total de 776 pontos, 636 ressaltos, 126 assistências, 100 bloqueios e 60 roubos de bola, os melhores números da carreira.

NEEMIAS QUETA vai continuar a ter em Boston a sua casa, pelo menos durante mais uma temporada, depois dos Celtics terem decidido acionar a opção no contrato do poste português, que estabelecia a renovação do vínculo por um ano.

A decisão foi comunicada na segunda-feira e já era esperada face aos números que o jovem do Vale da Amoreira tinha obtido na NBA na última época. Naquela que foi a sua terceira temporada ao serviço da equipa de Boston, Neemias Queta conseguiu o melhor registo da carreira, averbando um total de 776 pontos, 636 ressaltos, 126 assistências, 100 bloqueios e 60 roubos de bola 76 jogos disputados, onde foi utilizado em 1926 minutos.

Durante a temporada o basquetebolista de 26 anos não escondeu a satis-

fação de se ter mudado para os Celtics, depois da curta passagem pelos Sacramento Kings, equipa onde iniciou a sua carreira na NBA em 2021. “Na altura mudou tudo e foi duro. Naquele momento só tentas perceber qual é o teu próximo passo. Fiquei muito feliz que Boston tenha aparecido. Estou satisfeito com o que tenho feito e tenho sido muito feliz aqui”, salientou o poste.

Além dos elogios do treinador Joe Mazzula ao longo da época, que também lhe foi dando “uns puxões de orelha”, como nos playoff devido ao número de faltas feitas, a temporada de Neemias também mereceu avaliação positiva por parte dos dirigentes dos Celtics. “Se o Neemy não estivesse a jogar como está, nós não estaríamos a ter a época que estamos a ter”, confessou Brad Stevens, presidente de operações de basquetebol

do clube, antes dos playoff, onde os Celtics acabariam eliminados na primeira ronda pelos Philadelphia 76ers.

O impacto do poste português parece ir além do que faz no court e sinais da excelente relação que tem com Joe Mazzula foi o facto de ambos terem estado, no início do mês de junho, em Portugal juntos, onde além de terem assistido a um jogo de basquetebol do Benfica e visitado as instalações dos encarnados, passaram também pelo FC Barreirense, onde Neemias Queta deu os primeiros passos na modalidade.

“Receber personalidades desta dimensão na nossa humilde casa é motivo de enorme orgulho e inspiração para todos aqueles que vivem o basquetebol do Barreirense. Agradecemos ao Neemy por manter viva esta ligação às



suas origens e por continuar a elevar o nome do nosso clube e da nossa cidade”, escreveu o emblema por altura da visita de ambos. ■

TEXTO DAVID MARCOS

**Rede
Doutor
Finanças**

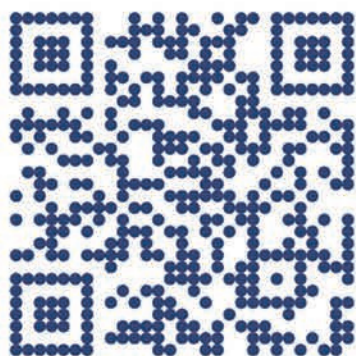
**Serviço
gratuito**

Trato dos seus créditos por si.

Carina Almeida | Quinta do Anjo | 927 012 637*



Saiba mais



Carina & Tavares – Lda está registado no Banco de Portugal, com o número de registo 0007586, como intermediário de crédito vinculado, sem regime de exclusividade, tendo celebrado contrato com as seguintes entidades: Abanca Corporación Bancaria, S.A., Sucursal em Portugal; Banco BIC Português, S.A.; Banco BPI S.A.; Banco CTT, S.A.; Banco Santander Totta, S.A.; Bankinter, S.A. - Sucursal em Portugal; Caixa Geral de Depósitos, S.A.; Novo Banco, S.A.; SICAM - Caixa Central e Caixas de Crédito Agrícola Mútuo; Union de Créditos Inmobiliários, S.A., Establecimiento Financiero de Crédito (Sociedad Unipersonal) - Sucursal em Portugal. Carina & Tavares – Lda está autorizado a: i) apresentação ou proposta de contratos de crédito a consumidores; ii) assistência a consumidores, mediante a realização de atos preparatórios ou de outros trabalhos de gestão pré-contratual relativamente a contratos de crédito que não tenham sido por si apresentados ou propostos; iii) celebração de contratos de crédito com consumidores em nome dos mutuantes. Marca detida pelo Doutor Finanças Unipessoal Lda.

*CUSTO DE CHAMADA PARA REDE MÓVEL OU REDE FIXA NACIONAL DE ACORDO COM O SEU TARIFÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES

INICIATIVA DINAMIZA DIFERENTES ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE

“Herança” inspira 8.^a Mostra de Artes Performativas de Setúbal

TEXTO DAVID MARCOS

“HERANÇA” é o mote da 8.^a edição da MAPS – Mostra de Artes Performativas de Setúbal, certame que arranca na próxima terça-feira e que até ao dia 18 deste mês leva a vários espaços da cidade performances, música, cinema e teatro comunitário.

Passando por palcos como o Fórum Luísa Todi, A Gráfica, Parque do Bonfim, Cinema Charlot, Jardim do Quebedo e Miradouro de São Sebastião, a edição deste ano permite, na opinião de Mónica Duarte, chefe da Divisão de Cultura da câmara de Setúbal, pensar “naquilo que fica” nos territórios através das artes contemporâneas.

“Falamos muito das culturas populares e das tradições, mas no âmbito da arte contemporânea, o que é que fica nos territórios? Essa herança pode ser trazida a curto ou a longo prazo, associadas a diversos povos, determinados tipos de dança, de manifestações. É bom que isto se discuta, nomeadamen-

Espectáculo “Musseque”, de Fábio Januário, no Fórum Luísa Todi, abre a edição deste ano. O certame passa ainda pela A Gráfica, Parque do Bonfim, Cinema Charlot, Jardim do Quebedo e Miradouro de São Sebastião.

te a questão da diversidade das comunidades e como é que absorvemos a herança uns dos outros”, explica ao Semmais a responsável ligada à organização.

O arranque do certame vai ficar marcado pelo espetáculo “Musseque”, de Fábio Januário, uma criação ligada ao kuduro, à memória e à identidade, em cena no Fórum Luísa Todi. No dia se-



guinte, destaque para “Sobre o Fim”, de Gio Lourenço e Sofia Berberan, que cruza dança, teatro e botânica.

A programação inclui ainda “Sons de Resistência”, de Luís Bittencourt, a MINI-MAPS, pensada para famílias e crianças, e o documentário “Peixe p’o Gato – Histórias da Luta pelo Pão em Setúbal”, de Leonardo Silva, centrado na história social da cidade.

“Sombras”, da companhia Teatro Só, na Praça de Bocage, uma conversa em torno de “Carga”, projeto dedicado às mulheres trabalhadoras, e “Sinto, Logo Existo”, da Noisy Crew, sobre saúde mental, identidade e emoções, completam a programação.

TRABALHO COMUNITÁRIO COMO EIXO DA INICIATIVA

Além dos espetáculos, a relação com o público é um

dos eixos da MAPS. Mónica Duarte destaca o trabalho desenvolvido através de projetos comunitários e conversas que aproximam as artes performativas das pessoas. “Todos os anos temos sempre algum projeto que envolve a comunidade”, afirma, defendendo que a mostra deve “fazer parte da cidade”.

O encerramento, no dia 18 deste mês, reforça essa dimensão comunitária. O Miradouro de São Sebastião recebe “Tecido Comunitário”, criado com moradores entre os 6 e os 98 anos a partir de memórias e histórias de vida. A edição termina na A Gráfica, com “A Minha Vida Dava uma Banda Sonora”, um projeto da artista portuense Susana.

No futuro, há vontade de alargar o certame para lá do centro da cidade. Mónica Duarte admite que a MAPS ainda está “muito no centro” e aponta Azeitão, com o novo auditório, como possibilidade de expansão. O objetivo é dar maior abrangência territorial à mostra, sem perder a proximidade que a define. ■

Clube de Teatro da Mascarenhas-Martins encerra temporada com apresentações públicas

Em cena vão estar dramaturgias como “As Criadas”, de Jean Genet, “Arte da Conversação”, de Luísa Costa Gomes, e “A Casa de Bernarda Alba”, de Federico García Lorca.



O CLUBE de Teatro da Companhia Mascarenhas-Martins volta a apresentar-se ao público, com três obras que assinalam o culminar de uma temporada de trabalho na Casa da Música Jorge Peixinho, no Montijo. Nos dias 11, 12 e 18 vão à cena “As Criadas”, de Jean Genet, “Arte da Conversação”, de Luísa Costa Gomes, e “A Casa de Bernarda Alba”, de Federico García Lorca, interpretadas pelas diferentes turmas do projeto.

Coordenado por André Alves e João Jacinto, o Clube de Teatro reúne atualmente três grupos, nomeadamente uma turma de jovens, entre os 12 e os 17 anos, e duas de adultos, divididas entre participantes em iniciação e outros que dão continuidade ao percurso começado em anos anteriores, perfazendo um total de cerca de três dezenas de alunos. A separação, explicam, não corresponde a níveis rígidos de aprendizagem, mas a diferentes necessidades de acompanhamento. “É apenas uma

divisão para que possamos ter um tipo de comunicação e uma exigência adequada para cada um dos grupos”, sublinha ao Semmais João Jacinto.

Ao longo do ano, o trabalho parte de um programa delineado, mas vai sendo ajustado “ao pulso da turma”. André Alves lembra que quem chega ao teatro traz motivações muito distintas: “Há quem procure conhecer pessoas, quem queira iniciar ou aprofundar a prática teatral e quem veja no clube uma forma de integração ou interação social. Podemos ir ao encontro dessas mesmas motivações”.

A escolha dos textos, explicam os responsáveis, acompanhou a linha programática da Mascarenhas-Martins, este ano marcada por obras de mulheres artistas ou por narrativas centradas no feminino. Enquanto a “Arte da Conversação” é da autoria de uma escritora, “As Criadas” e “A Casa de Bernarda Alba” permitem trabalhar

personagens e conflitos atravessados por questões de poder, opressão e representação feminina.

Mais do que preparar uma apresentação final, o projeto procura estimular o pensamento crítico e a relação coletiva com o texto. As peças são adaptadas pelos coordenadores para se adequarem ao formato do clube, que funciona uma vez por semana. “Não temos a pretensão de formar atores profissionais, passa mais por uma tentativa de aproximar as pessoas do teatro, da Companhia Mascarenhas-Martins e da Casa da Música Jorge Peixinho”, resume André Alves.

De referir que as seis sessões programadas contam também com uma componente solidária, já que se propõem a recolher bens essenciais para a “Abrir Caminhos”, uma Casa de Acolhimento Residencial situada no Montijo. ■

TEXTO DAVID MARCOS

“O Espírito da Minha Mulher” no Teatro-Estúdio António Assunção

Espectáculo conta a curiosa história de Mário Rui que, depois da noiva morrer no dia do casamento, decide perder a virgindade com a primeira que lhe aparece à frente.

O **CÉNICO** da Incrível Almadense apresenta, no Teatro-Estúdio António Assunção, a comédia “O Espírito da Minha Mulher”, de Paulo Sacaldassy, numa encenação de Eugénia Viana.

A peça, segundo a encenadora, parte de uma premissa insólita. Mário Rui, a personagem principal, guardou-se para a noite de núpcias, mas Joana Roberta morre precisamente no dia do casamento. Frustrado, o noivo decide perder a virgindade com a primeira mulher que lhe aparece à frente – a porteira – sem contar que a recém falecida não está disposta a deixá-lo em paz.

O espetáculo, estreado em maio, nasce, de acordo com a encenadora, de uma adaptação autorizada pelo autor brasileiro e para fazer face à falta de atores masculinos. “O texto original foi escrito para dois homens e uma mulher e chamava-se ‘O Espírito do Meu Marido’”. “Falei com o Paulo Sacaldassy e propus-lhe transformar isto em ‘O Espírito da Minha Mulher’, ele achou muito engraçado e avançamos com o trabalho”, conta ao Semmais Eugénia Viana.

A mudança, inicialmente por uma questão prática, abriu também caminho a uma leitura sobre papéis sociais e convenções. “Geralmente são sempre as mulheres que são virgens quando casam, no conceito tradicional. Porque é que não há de haver um homem que é virgem?”, questiona a encenadora.



Paulo Sacaldassy é um autor com quem o Cénico mantém uma relação antiga. “Temos feito várias peças dele e temos uma relação de amizade”, refere Eugénia Viana, sublinhando que os seus textos têm “sempre uma crítica social e de costumes subjacente”. Neste espetáculo, essa dimensão surge associada aos estereótipos sobre a virgindade, ao peso da opinião dos outros e ao materialismo.

Apesar do trabalho frequente com o escritor brasileiro, a encenadora confessa que a preparação para este espetáculo demonstrou ser um desafio cénico exigente. “Dois intérpretes contracenam com uma personagem que, para eles, não existe. Exige uma marcação muito

rigorosa para que o público tenha realmente a sensação de que não estão a ver a morta. Foi a peça mais difícil de encenar do Paulo Sacaldassy”, admite Eugénia Viana.

A encenação, de acordo com a criativa, aposta num cenário simples, correspondente à casa nova dos noivos, ainda marcada por poucos móveis e pelas caixas dos presentes de casamento. O guarda-roupa reforça contrastes, em particular na figura da porteira, que surge “vestida impecavelmente, como se fosse uma madame”, mas revela, ao falar, uma origem popular que acentua o humor da situação. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Regresso de Peter Stein marca arranque do Festival de Almada

Decano dramaturgo alemão leva à cena “Platónov”, a primeira peça de Anton Tchekhov, “Danse Macabre”, de Martin Zimmermann, abre o festival e terá transmissão em direto na RTP2.



ARRANCA este sábado a 43.ª edição do Festival de Almada, certame que apresenta 19 espetáculos distribuídos por salas e espaços culturais de Almada e Lisboa. A programação deste ano conta com 12 produções estrangeiras e sete portuguesas, prometendo levar aos dois concelhos propostas de relevância artística nas áreas do teatro, dança e artes performativas.

A marcar as primeiras apresentações desta edição está o regresso ao festival do encenador alemão de 88 anos, Peter Stein, com a peça “Platónov”, a primeira do autor russo Anton Tchekhov. Com diversas participações no certame ao longo da última década, a mais recente em 2024, o decano dramaturgo leva ao Teatro Joaquim Benite, no domingo e segunda-feira, um texto que conta a história de um homem talentoso incapaz de encontrar o seu lugar no mundo.

Antes de “Platónov”, o arranque do certame está a cargo do espetáculo “Danse Macabre”, a partir das 21h00 na Escola D. António da Costa, em Almada, esta sexta-feira. A apresentação, concebida pelo coreógrafo e encenador suíço

Martin Zimmermann, que reúne teatro, dança e novo-circo lança o público para um universo de uma lixeira, onde três figuras marginalizadas procuram sobreviver e criar ligações humanas. O espetáculo terá transmitido em direto pela RTP2.

Destaque ainda para a estreia de “Saudações”, pela Companhia de Teatro de Almada, na Sala Experimental do Teatro Joaquim Benite no domingo, mantendo-se em cena até ao dia 17. A peça, dirigida por Álvaro Correia, parte, de acordo com a organização, de três textos curtos do dramaturgo romeno Eugène Ionesco “As saudações”, “O novo inquilino” e “Delírio a dois”, que constituem uma seta satírica apontada ao Mundo, às suas contradições e ao seu absurdo.

“Ansioliticamente Falando”, “Fratto_X”, “Happy Days”, “Dialogues Dans Le Rêve”, e “Teatro Delusio” completam a programação da primeira semana do festival em Almada, onde estará também em palcos como o Fórum Romeu Correia e a Academia Almadense. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Agenda



“CONCERTO DE VIOLINOS”

A Associação do Quarteto Barroco Litoral apresenta na Biblioteca e Arquivo Municipal um concerto com jovens violinistas da vila que já atuaram em vários palcos internacionais.

Grândola

4 de julho, às 11h00



“A BELA ADORMECIDA”

Um clássico com música de Tchaikovsky e coreografia original de Marius Petipa, baseado no conto de Charles Perrault, revisitado pela Academia de Dança Ana Calafate & Musimusa.

Montijo

4 de julho, às 16h30



“JUNTOS PELO IVAN”

Marchas populares do Grupo Desportivo Unidos do Arco, Luysa Fontelas, José dos Santos e Duo PJ apresentam-se na ExpoCorroios num evento solidário que visa angariar fundos para a recuperação de um jovem que sofreu uma grave lesão cerebral.

Seixal

4 de julho, às 18h00



“RUA (ISTO NÃO É UM FILME, É UM COMETA)”

Documentário dirigido por Nuno Calado e Bigos Campaniço que explora a vida e obra de Vitor Rua, uma figura seminal e vanguardista da música portuguesa cuja carreira atravessou do pop-rock à ópera.

Setúbal

4 de julho, às 21h30

EDITORIAL
RAUL TAVARES
 DIRETOR

A Península de Setúbal abriu uma nova página da sua história

Há momentos em que uma região percebe que está perante uma oportunidade que não pode desperdiçar. O primeiro Fórum da Comunidade Intermunicipal da Península de Setúbal (CIMPS), realizado em Palmela, foi um desses momentos: mais do que um encontro institucional, foi um sinal claro de que a Península de Setúbal quer assumir o seu próprio destino.

Enquanto jornalista, tive o privilégio de moderar uma das mesas-redondas deste Fórum. Mas, para além do papel profissional, estive presente com a convicção de quem há muito defende que a Península de Setúbal precisava de uma voz própria, de uma estratégia comum e de uma entidade capaz de unir vontades em torno de um objetivo maior: o desenvolvimento equilibrado e sustentável deste território.

A criação da CIMPS representa uma mudança estrutural. Durante mais de uma década, a Península de Setúbal esteve condicionada por uma integração administrativa e estatística na Área Metropolitana de Lisboa que não refletia a sua realidade económica e social. Essa opção teve consequências profundas: limitou o acesso a fundos europeus, reduziu oportunidades de investimento e penalizou uma região com enormes potencialidades, mas também com desafios muito próprios.

Agora abre-se uma nova etapa. Com a CIMPS, a região passa a ter condições para afirmar a sua identidade regional, construir uma estratégia própria e defender junto do poder central e das instituições europeias aquilo que há muito reclama: igualdade de oportunidades para crescer.

O Fórum demonstrou que existe uma vontade transversal de construir essa visão. Autarcas, Governo, universidades, empresas e representantes de diferentes setores estiveram reunidos não apenas para diagnosticar problemas, mas para encontrar caminhos. Uma região só avança quando consegue transformar as suas diferenças numa força coletiva.

A Península de Setúbal tem recursos únicos: uma localização estratégica, património natural, capacidade industrial, portos, conhecimento, universidades, turismo, agricultura, cultura e comunidades com enorme potencial. Mas precisa de planeamento, cooperação e investimento. A CIMPS pode ser o instrumento que faltava para juntar estas peças e criar uma estratégia regional ambiciosa.

O desafio agora é enorme. A criação da Comunidade Intermunicipal não é o ponto de chegada; é o ponto de partida. A nova entidade terá de provar que consegue transformar expectativas em resultados, projetos em realidade e reivindicações antigas em conquistas concretas.

O próximo ciclo de fundos europeus será uma oportunidade decisiva. Mas mais importante do que captar recursos será saber aplicá-los numa visão de futuro: criar emprego qualificado, melhorar a mobilidade, reforçar a coesão social, proteger o ambiente e valorizar a identidade de uma região que durante demasiado tempo sentiu que ficava à margem das grandes decisões.

A Península de Setúbal não quer ser apenas uma periferia de Lisboa. Quer afirmar-se como uma região com identidade, capacidade e ambição.

O primeiro Fórum da CIMPS mostrou que esse caminho começou. Agora é tempo de transformar esta nova esperança numa estratégia concreta e numa realidade que beneficie todos os que vivem e trabalham neste território.



ARTUR VAZ
 ESCRITOR

Sem mais a televisão e a net desligaram-se. As operadoras anunciavam que a avaria iria estar resolvida o mais breve possível. Dez dias depois, tudo na mesma, como a lesma. Informações aos clientes não existem. Só se não pagaram as contas mesmo não tendo sido servidos.

Ainda há quem fale do serviço público estar acusado dos males da burocracia e sem respeito pelos contribuintes, e do privado que não têm o mínimo de respeito pelos seus clientes.

A banca tem lucros fabulosos, que distribuem pelos seus accionistas, cada vez mais estrangeiros. Os depositantes, a contentarem-se com umas míseras migalhas quando não vêm rapadas as suas poupanças, depois de serem postas pelos “gestores de conta” em produtos que fazem os gestores de topo encherem os bolsos de benesses proporcionais.

Um pedido de uma licença habitacional para casas desde sempre habitadas, por mais simples que seja, levam meses. Algumas nunca chegam a ser aprovadas, face a uma lei sem uma análise da realidade.

CISNE NEGRO

Povo sofre. As casas continuam vazias e o governo afirma categoricamente que não quer casas vazias. Mais o país está muito melhor, os impostos baixaram e os portugueses vivem melhor.

O cabaz de compras aumenta diariamente, bem como o preço dos combustíveis em plena oscilação. Factos reais no bolso dos portugueses, mas que são ignorados por quem diz que está tudo sobre controle, não havendo motivo para alarmismo.

No meio de tudo isto, fica-se com a ideia que alguém com responsabilidade na governação anda a viver na maionese, e sem sabermos em que planeta habita.

Vale tudo para iludir o povo, mesmo que se esteja necessariamente a atolar em areia movediça.

Diz a sapiência popular que “Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas”, e assim mantem-se o poder que tanto jeito dá, porque o povo está farto de eleições.

Este cisne negro é o quadro de um Portugal imortalizado nesta frase “Este país é um colosso, está tudo grosso, anda tudo a fazer pouco”.



JOÃO AFONSO LUZ
 JURISTA

A CIM realizou, no dia 30 de junho, o “Fórum Península de Setúbal – Uma visão estratégica para a Região”.

Para quem se interessa pelas matérias do desenvolvimento regional, os sinais não podem deixar de ser preocupantes, não tanto pelo que este Fórum conteve, mas, sobretudo, pelo que ficou de fora dele.

Este Fórum parece ter optado por ignorar olímpicamente décadas de planeamento do desenvolvimento regional. Finge-se que esta Região não foi pioneira em modelos participados de planeamento e que não tem documentos estruturantes do pensamento e da visão regional para a concretização das potencialidades deste território.

Fingir que se começa do zero, ignorando o PIDDS ou o PEDEPES (e as suas atualizações), é obra.

Mais difícil é compreender como é que se promove este Fórum e se procura identificar linhas orientadoras para o desenvolvimento da região deixando de

UMA VISÃO PARA A PENÍNSULA DE SETÚBAL EXIGE MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO

fora os trabalhadores e a suas organizações representativas; o chamado sector social e o movimento associativo popular e o seu contributo para a coesão social; a área do ambiente e as organizações e empresas que nela intervêm; ou, os micro-pequenos e médios empresários que constituem o fundamental do tecido económico da região.

Naturalmente, são opções, mas são opções que revelam uma noção de desenvolvimento limitada, diria mesmo capturada, pela lógica dos fundos comunitários e das prioridades definidas em Bruxelas, sem ter em linha de conta aspetos concretos deste território e das suas gentes, da capacidade de pensar para além do que decidem os grandes grupos económicos e o poder político a eles submetidos.

Igualmente preocupante é a tentativa de alguns quererem pensar o desenvolvimento da Península de Setúbal, não em complementaridade e articulação no contexto da Área Metropolitana de Lisboa, mas num contexto totalmente autónomo, quando não em oposição a esta, procurando desvalorizar a importância e as potencialidades decorrentes deste território integrar a Área Metropolitana da capital do país.

Por último, mas não menos importante, fica-nos a sensação (espero que errada) de que os municípios que durante décadas foram os protagonistas, enquanto representantes das respetivas populações, de processos amplamente participados de construção das estratégias de desenvolvimento da Região, com a criação da CIM adjudicaram essa tarefa à AISET – Associação da Indústria da Península de Setúbal, um parceiro importante para o desenvolvimento regional, mas com uma visão naturalmente influenciada pelos seus interesses particulares.

Este conjunto de preocupações pode decorrer apenas de uma primeira impressão, sabemos o quanto elas podem ser enganadoras, mas também sabemos o quanto marcam.

A Península de Setúbal, a partir dos seus municípios, tem conhecimento e experiência de como planear bem e de forma participada o seu desenvolvimento, de fazer opções tendo por base o interesse público, de não dissociar crescimento económico, qualidade de vida, ambiente, emprego com direitos e combate às assimetrias. Só não o fará se, deliberadamente, o não quiser fazer.

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa, / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / /jornalsemmais



CARLOS CARDOSO
GESTOR

Hoje quero falar-vos de um tema que, à primeira vista, poderá parecer distante da realidade do dia-a-dia da nossa cidade, mas que está profundamente ligado à forma como vivemos, convivemos e cuidamos dos espaços que são de todos. Refiro-me à Psicologia Comportamental.

Não sou psicólogo, nem tenho a pretensão de o ser. No entanto, ao longo dos anos fui tomando contacto com algumas teorias que ajudam a explicar muitos dos comportamentos que observamos diariamente. Uma delas é a chamada Teoria do Chão Sujo, intimamente relacionada com a conhecida Teoria das Janelas Quebradas.

Esta teoria parte de uma ideia simples, mas extremamente relevante, o ambiente físico influencia directamente o comportamento humano. Quando as pessoas vivem ou circulam em espaços limpos, organizados e bem cuidados, tendem a respeitá-los e a contribuir para a sua preservação. Pelo contrário, quando o cenário é de abandono, degradação e desleixo, instala-

SETÚBAL: QUANDO A SUJIDADE SE TORNA UMA FORMA DE GOVERNO

se uma sensação colectiva de que ninguém se importa e, consequentemente, aumentam os comportamentos de desrespeito pelo espaço público.

Os estudos realizados nesta área demonstram precisamente isso. Num local onde já existe lixo espalhado pelo chão, papéis abandonados, paredes vandalizadas ou zonas verdes transformadas em matagais, a probabilidade de alguém acrescentar mais lixo ou adoptar comportamentos menos cívicos aumenta significativamente. O raciocínio, ainda que muitas vezes inconsciente, é simples, se ninguém cuida, porque haverá eu de cuidar?

É aqui que termina a teoria e começa a realidade que todos os dias encontramos nas ruas de Setúbal.

Basta caminhar por diversos bairros da cidade para perceber que algo não está bem. Ruas onde a limpeza aparece cada vez com menos frequência, contentores frequentemente rodeados de resíduos, ervas e mato a crescerem em zonas urbanas, passeios degradados e espaços públicos que, em muitos casos, transmitem uma preocupante imagem de abandono.

Perante esta realidade, quero dirigir uma chamada de atenção a todos os responsáveis políticos do concelho, desde a Câmara Municipal até às Juntas de Freguesia. Sei que não faltarão justificações, explicações técnicas, relatórios, estudos ou tentativas de atribuir responsabilidades

a outras entidades. Infelizmente, os cidadãos estão cansados dessa troca permanente de argumentos.

Aquilo que as pessoas vêem todos os dias não são relatórios. Aquilo que as pessoas vêem são ruas por limpar, espaços públicos degradados e uma cidade que, em demasiados locais, está longe da imagem que merece.

É evidente que a responsabilidade pela limpeza urbana não pertence apenas aos governantes. Cada cidadão tem o dever de respeitar o espaço público. Quem atira lixo para o chão, quem abandona resíduos junto aos contentores ou quem vandaliza património comum também contribui para o problema. Mas não podemos ignorar um facto essencial, o exemplo deve começar por quem governa.

Quando uma cidade é mantida limpa, cuidada e valorizada, os próprios cidadãos sentem-se mais motivados para a preservar. Quando uma cidade transmite sinais de abandono, a degradação tende a multiplicar-se. É precisamente isso que a Psicologia Comportamental nos ensina há décadas.

Por isso, a questão que se coloca é simples, que mensagem estão os nossos governantes a transmitir quando permitem que determinadas zonas da cidade permaneçam durante semanas ou meses sem a atenção necessária?

Os setubalenses não precisam de mais apresentações de projectos que ficam pelo papel.

Não precisam de mais conferências de imprensa para anunciar intenções futuras. Não precisam de mais estudos para explicar aquilo que os seus olhos já vêem diariamente.

O que os cidadãos esperam é algo muito mais simples, resultados.

Esperam ver equipas de limpeza suficientes para responder às necessidades da cidade. Esperam manutenção regular dos espaços públicos. Esperam uma intervenção rápida quando surgem problemas. Esperam que os seus impostos se traduzam numa melhoria efectiva da qualidade de vida.

Setúbal é uma cidade extraordinária, com uma história rica, um património invejável e uma população que sente orgulho na sua terra. Mas esse orgulho não pode viver apenas de discursos. Tem de ser acompanhado por uma gestão urbana capaz de preservar aquilo que é de todos.

Porque uma cidade limpa não é apenas uma questão de estética. É uma questão de respeito pelos cidadãos, de qualidade de vida e até de comportamento colectivo. Ignorar este facto é ignorar uma das mais básicas lições da Psicologia Comportamental.

E quando a sujidade começa a ser vista como algo normal, o problema já não está apenas no lixo que se vê. Está na mensagem de resignação que se transmite a toda uma comunidade. É precisamente aí que começa o verdadeiro perigo.

À VELA PASSEIOS: A EMPRESA QUE TRANSFORMOU UMA CRISE NUMA VIAGEM PELO MAR DE SETÚBAL

Há 17 anos nasceu de uma mudança de rumo profissional e tornou-se uma referência nos passeios náuticos na região. Hoje leva visitantes a descobrir a Arrábida, Tróia e o Estuário do Sado a bordo de um veleiro e de um catamarã.

Uma crise económica que deixou muitos profissionais à procura de novas oportunidades acabou por dar origem a um projeto ligado ao mar. Em 2009, Pedro Sousa decidiu transformar uma situação inesperada numa nova etapa profissional e criou a À Vela Passeios, uma empresa setubalense dedicada aos passeios marítimos em regime privado.

“Depois de analisar as empresas existentes na altura que realizavam passeios a cobrar o valor por pessoa, achei que não seria para mim a melhor opção, por isso decidi realizar passeios privados”, recorda o empresário. A decisão revelou-se antecipada face à evolução do mercado, já que atualmente este modelo é uma das principais ofertas do setor dos passeios turísticos náuticos.

A empresa opera a partir de Setúbal, com atividades no Estuário do Sado, costa da Arrábida, Tróia e Sesimbra, proporcionando experiências personalizadas a bordo das suas embarcações. O conceito passa por dar ao cliente liberdade para definir horários, percursos e duração do passeio, seja para momentos de lazer em família, grupos de amigos ou eventos especiais.

Uma atividade marcada pela sazonalidade

O turismo marítimo tem uma forte componente sazonal, sobretudo associado aos meses de maior procura. Essa realidade condiciona também a estrutura da empresa.

“Não podemos apostar em muitos funcionários”, explica Pedro Sousa, que atualmente assegura a operação com uma equipa reduzida. A À Vela Passeios



dispõe de duas embarcações: um catamarã com capacidade até 18 pessoas e um veleiro para grupos até oito passageiros.

A empresa aposta num modelo de proximidade, onde a experiência é construída em torno do cliente. Entre as propostas estão passeios junto às praias da Arrábida, momentos de navegação à vela, mergulhos, observação de golfinhos, experiências ao pôr do sol, refeições a bordo e eventos privados ou empresariais.

Um ano difícil depois de um acidente no mar

A temporada de 2025 ficou marcada por um acontecimento inesperado. Um acidente grave envolvendo o catamarã, durante a tempestade Martinho, obrigou a empresa a encontrar uma solução alternativa para manter os compromissos assumidos com os clientes.

“Foi um ano que, espero, não se repita”, afirma Pedro Sousa, explicando que a empresa teve de recorrer ao aluguer de outra embarcação para garantir a continuidade da atividade. Entretanto, o catamarã regressou ao serviço, embora já numa fase final da época turística.

Uma procura equilibrada entre portugueses e estrangeiros

Apesar de integrada num destino turístico com forte procura internacional, a empresa mantém uma

base de clientes diversificada. Segundo Pedro Sousa, cerca de 70% dos clientes são portugueses e 30% estrangeiros, uma distribuição que permite reduzir a dependência de um único mercado.

A procura tem vindo também a acompanhar a crescente valorização do turismo de natureza e experiências diferenciadoras, com o mar e a paisagem protegida da Arrábida como principais argumentos.

A atividade da empresa integra-se numa oferta turística que valoriza a Baía de Setúbal, o Estuário do Sado e a possibilidade de observar espécies como o golfinho-roaz, um dos elementos distintivos da região.

Crescer sem perder a identidade

Apesar de considerar a atual estrutura adequada, Pedro Sousa admite que existe margem para crescer. O aumento da frota é uma possibilidade, mas depende de condições externas, nomeadamente da disponibilidade de espaço para estacionamento de novas embarcações.

“Estamos sempre na expectativa de aumentar a oferta”, afirma, apontando como um dos principais constrangimentos a falta de condições para acolher mais barcos.

Com 16 anos de atividade, a À Vela Passeios mantém o objetivo inicial: proporcionar experiências exclusivas no mar, num território onde a ligação entre turismo, natureza e património marítimo continua a ganhar peso.

Para quem procura uma experiência diferente, a empresa disponibiliza opções como batismos de vela, passeios ao pôr do sol, celebrações privadas, pedidos de casamento, eventos empresariais e saídas para observação de golfinhos.

Mais do que um passeio de barco, a proposta é transformar algumas horas no mar numa memória ligada à paisagem e identidade de Setúbal.



XII Prémio Secil de Engenharia Civil



Reabilitação e Reforço Sísmico do Viaduto Duarte Pacheco

O XII Prémio Secil de Engenharia Civil foi atribuído pela Secil e pela Ordem dos Engenheiros a Júlio Appleton e António Costa, responsáveis pelo projeto de Reabilitação e Reforço Sísmico do Viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa.



Engenheiro
Júlio Appleton



Engenheiro
António Costa

A Secil e a Ordem dos Engenheiros congratulam os autores, o dono da obra *Infraestruturas de Portugal* e o empreiteiro responsável pela construção *Teixeira Duarte*, associando-se ao Júri no reconhecimento da excelência e qualidade demonstradas nos trabalhos desenvolvidos por estes engenheiros.



ORDEM
DOS
ENGENHEIROS

COM O APOIO PATRONATO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República